ESTUDO COMPARATIVO DA SITUAÇÃO ATUAL E DAS POTENCIALIDADES TURÍSTICAS DOS PARQUES ESTADUAIS DE VILA VELHA-PR E GUARTELÁ-PR

Joélcio Gonçalves Soares

RESUMO: O intuito deste estudo é apresentar os resultados da pesquisa desenvolvida nos Parques Estaduais de Vila Velha e Guartelá-PR, que tinha como objetivo efetuar avaliação e análise comparativa da situação atual e das potencialidades turísticas por estes apresentadas. A pesquisa foi desenvolvida a partir de: a) levantamento bibliográfico sobre temas emergentes ao estudo; b) caracterização dos parques objetos de estudo quanto a sua oferta turística; c) pesquisa em campo nos parques para aplicação dos formulários da metodologia de avaliação da oferta turística de Almeida (2006); e d) tabulação e análise dos dados levantados em campo. Os resultados obtidos apontam que o Parque Estadual de Vila Velha dispõe de uma oferta melhor estruturada para recepção dos visitantes se comparado ao Parque Estadual do Guartelá, além de melhores possibilidades turísticas a serem exploradas e desenvolvidas.

Palavras-chave: Planejamento Turístico; Avaliação da Oferta Turística; Potencialidades Turísticas; Parque Estadual de Vila Velha-PR; Parque Estadual do Guartelá-PR.

RESUMEN: El objetivo de este estudio eres presentar los resultados de las investigaciones llevadas a cabo en los Parques Estaduais de Vila Velha y Guartelá-PR (Brazil), que tuve como objetivo hacer una evaluación y análisis comparativa de la situación actual y del potencial turístico presentado por estos. La pesquisa fue desarrollada a partir de: a) levantamiento bibliográfico sobre los temas emergentes del estudio; b) caracterización de los parques e de su oferta turística; c) investigación en campo en los parques para la implementación de la metodología de evaluación de la oferta turística de Almeida (2006); e d) tabulación y análisis de las informaciones levantadas en el trabajo en campo. Los resultados indican que el Parque Estadual de Vila Velha tiene mejor estructura para recibir los visitantes, se comparado con el Parque Estatal Guartelá, además que posé también mejores posibilidades turísticas.

Palavras-clave: Planificación del Turismo; Evaluación de la Oferta Turística; Potencialidades Turísticas; Parque Estadual de Vila Velha-PR; Parque Estadual do Guartelá-PR.

INTRODUÇÃO

A dependência que o turismo apresenta no que concerne às áreas naturais é eminente, tendo em vista que nestas se encontram uma gama de recursos, que a partir do planejamento turístico podem se constituir em atrativos, e desta feita são entendidas enquanto possibilidades para o desenvolvimento da atividade.

Esse despertar do turismo voltado às áreas naturais, mais especificamente se utilizando de unidades de conservação, vai ter seu apogeu a partir do momento que a sociedade e o poder público tomam um discurso voltado a proteção ambiental. Se referindo a isso, há alguns pontos na Legislação Brasileira que são marcos, tais como a promulgação da Constituição Brasileira de 1988, a qual declara no artigo 255 do Capítulo VI, o que se entende por meio ambiente, citando que "todos tem direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida" (BRASIL, 2013a); e também quando se institui a Lei 9985 de 18 de julho de 2000, que regulamenta o SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação (BRASIL, 2013b), um marco a partir do qual as áreas protegidas passam a ter um amparo legal consistente, apesar de que muitas vezes o mesmo não é bem aplicado.

Os Parques Estaduais, sendo Unidades de Conservação (UC's) regulamentadas, são espaços que podem se tornar locais de atração turística, se estes apresentarem algum recurso ou uma beleza cênica considerável, além de diretrizes no plano de manejo voltadas ao trabalho com o turismo. Dentre as atividades de visitação que podem ser organizadas nestes locais estão as referentes a educação ambiental e contemplação da natureza (COSTA, 2002).

No entanto, para que sejam atingidos os objetivos principais dessas unidades e do próprio turismo, dentre os quais destacamos à utilização de forma racional visando a conservação do patrimônio natural, o planejamento turístico é tido como ferramenta indispensável, tendo em vista desenvolver a atividade com base em estudos confiáveis, calcados em fundamentos teóricos e análises empíricas, observando a situação atual, e propondo ações com vistas a uma situação futura desejada.

Uma das fases do planejamento concerne a avaliação da oferta turística, que culmina numa análise das potencialidades existentes, processo no qual o planejador encarrega-se de atribuir valor aos recursos que serão utilizados pela atividade turística, com base em suas principais características, ou seja, naquelas que realmente interessam para atividade, sejam positivas ou negativas. Neste sentido, a avaliação da oferta turística e por conseqüências das potencialidades se apresentam enquanto elementos fundamentais para o planejamento da atividade, devido ao conhecimento que se gera sobre a realidade de determinado local, com vistas a propor e asseverar sobre perspectivas futuras e determinar ações a serem desenvolvidas.

Partindo desta premissa é que este artigo tem o intuito de apresentar os resultados do estudo que foi desenvolvido em duas unidades de conservação no estado do Paraná, que possuem como parte de suas atividades a de turismo, sendo estas o Parque Estadual de Vila Velha e o Parque Estadual do Guartelá. Neste estudo teve-se como objetivo geral, efetuar análise comparativa entre a situação atual da oferta turística e potencialidades turísticas apresentadas pelos Parques Estaduais, tendo como base para isso, aplicação da metodologia de avaliação da oferta e das potencialidades turísticas formulada por Almeida (2006) nos parques objetos de estudo, levantando dados e resultados importantes sobre tais Ucs.

Quanto a sua metodologia, o estudo aqui apresentado foi dividido em etapas para seu desenvolvimento. Na primeira etapa se deu o levantamento de bibliografia considerando a visão dos principais autores referente aos temas chave do estudo, sejam estes: planejamento turístico, avaliação da oferta turística, avaliação de potencialidades turísticas. Na segunda etapa foi efetuada a caracterização dos parques objetos de análise, no que se refere a sua oferta turística. Na terceira etapa ocorreu a aplicação dos formulários de avaliação, nos quais estavam dispostos todos os elementos a serem avaliados, envolvendo a estrutura turística dos parques. Na quarta etapa ocorreu a análise dos resultados obtidos através de cada avaliação efetuada, e também a comparação entre as estruturas turísticas e possibilidades turísticas de cada parque, alcançando assim o objetivo geral do estudo.

Quanto a estrutura deste artigo, num primeiro momento apresenta-se a discussão conceitual sobre planejamento turístico, seguida da sobre avaliação da

oferta e potencialidades turísticas. Posteriormente é apresentada a metodologia de avaliação de Almeida (2006) que foi utilizada na análise dos parques estudados. Na terceira parte são apresentados os resultados da avaliação dos parques e a análise comparativa de suas estruturas, seguida das considerações finais.

PLANEJAMENTO TURÍSTICO: UMA DISCUSSÃO CONCEITUAL

As definições de planejamento turístico são diversas e às vezes adversas, como sabe-se o turismo é uma atividade eminentemente social, que envolve pessoas, e dispõe de inúmeras variáveis que não são simples de serem medidas e manipuladas, pela sua diversidade e pelas suas constantes mudanças. “Isso é uma peculiaridade dentro das ciências humanas e sociais, nas quais as definições não obedecem aos mesmos critérios de elaboração seguidos pelas ciências exatas” (BARRETTO, 2005, p. 29). Sendo assim cada pesquisador acaba colocando seu ponto de vista acerca do processo, apontando muitas vezes as características principais do mesmo em suas conceituações, como se poderá notar no decorrer desta seção.

Para iniciar a reflexão aponta-se o que pode ser entendido por planejamento, onde Molina (2005, p. 45) coloca que “[...] consiste em estabelecer um curso de ação que conduza a obtenção de uma situação desejada, mediante um esforço constante, coerente, organizado, sistemático e generalizado”. Para o autor é o processo que irá dispor das linhas gerais para se chegar a pretensão futura, usando de ferramentas para trabalhar de forma sistêmica e tendo em vista todas as partes que compõe a ação organizada.

Já Barretto (2005, p. 31) dispõe que “O planejamento é um processo científico”, no caso, deve ter por base dados do mesmo caráter, e que “Implica um certo grau de previsão baseado no estudo dos fatores estruturais e conjunturais, não devendo ser confundido com profecia, com especulação futurista ou como promessa de palanque” (BARRETTO, 2005, p. 31), ou seja, o processo deve ser conduzido de forma coerente, até a sua concretização, já que é indispensável, e do qual viram ações com as quais se buscará efetivar trabalhos para melhorar realmente uma localidade ou empresa.

Vistas as considerações sobre o planejamento cabe agora colocar como se pode entendê-lo quando relacionado ao turismo. Inicia-se por Molina (2005, p. 46), que dita que o planejamento do turismo

> [...] é um processo racional cujo objetivo maior consiste em assegurar o crescimento e o desenvolvimento turístico. Este processo implica vincular os aspectos relacionados com a oferta, a demanda e, em suma, todos os subsistemas turísticos, em concordância com as orientações dos demais setores de um país.

Para o autor, o uso coerente do processo se configura como a forma de assegurar o desenvolvimento da atividade, fazendo do mesmo um elo entre as partes que compõe o mercado turístico, e deste uma forma de organizar o turismo dentro dos variados setores de produção e serviços de um país, que iram se fazer necessários para o mercado turístico se estabelecer. Ou seja, o planejamento, além de nortear o desenvolvimento de determinado espaço, pode ainda fomentar o envolvimento das partes que lhe são necessárias, para sua gestão e fomento.

Para Ruschmann, (2004, p. 83) o planejamento turístico "é a atividade que envolve a intenção de estabelecer condições favoráveis para alcançar objetivos propostos". Já Barretto (2005, p. 30) dispõe que o processo é "[...] um mecanismo orientado para um futuro desejado, com os meios efetivos para tornar este futuro uma realidade", ou seja, para as autoras o processo parte da premissa da existência de uma intenção, tanto de um órgão público ou da iniciativa privada em fomentar o turismo em determinado local, porém, para isto serão necessárias condições e meios para tal ação, que começa pela existência de recursos com potencial, passíveis de desenvolvimento, para que através do planejamento sejam alcançados os anseios intencionados nos objetivos e torná-los realidade. Para complementar esta reflexão Petrocchi (2009, p. 2) coloca que o

> [...] planejamento do turismo deve considerar todas as formas possíveis de contribuição ao bem-estar dos moradores e desenvolvimento integral do destino. Porque o turismo não é um fim em si mesmo e nos núcleos receptores existem as aspirações da sociedade e outras atividades econômicas.

Quanto às linhas gerais que o processo deve seguir Cardozo (2007, s/p) aponta que:

> Não existe uma receita a qual as localidades devem seguir para auferirem o planejamento turístico de sucesso, pois cada uma está inserida em um contexto distinto, e deverá receber tratamento diferenciado também, contudo, o respeito pela comunidade e seu ambiente, bem como as etapas técnicas e básicas do planejamento turístico devem ser observados, com vistas à sustentabilidade do planejamento em si, e que dele oriundem objetivos a longo prazo que possam garantir a sustentabilidade do destino turístico.

Dessa forma, os planejadores devem estar cientes e usarem do processo de acordo com a realidade da localidade, onde se pretenda implementar ações para fomento e desenvolvimento da atividade, pois cada espaço é distinto, e necessita de trabalhos diferenciados que vão ao encontro de suas carências, no que concerne ao desenvolvimento do turismo de forma sustentável, tendo em vista a preservação dos recursos e das especificidades das comunidades e locais onde se pretende desenvolver tal atividade.

Vistas as considerações acima e lançando um olhar sobre a atividade, o planejamento se configura como ferramenta primordial de base, para que a atividade se desenvolva de forma ordenada, e sem acarretar danos ao espaço trabalhado. Pois é com medidas racionais e previstas que se trabalha em harmonia, ainda que relativa, com o meio, de modo a preservar o turismo do próprio turismo e para o turismo, prevenindo os impactos nocivos a atratividade dos recursos, otimizando o uso dos espaços, e dessa forma maximizando os benefícios, quer sejam estes a entrada de renda para as localidades, a melhora da qualidade de vida da população residente e a valorização da cultura local (SOARES e CARDOZO, 2008 s/p).

Ainda tendo em vista a importância do planejamento, pode-se citar sobre a visão futura que o processo proporciona, fazendo com que muitos problemas sejam solucionados no momento de planejar, mais um ponto relevante que faz com que seu uso se torne inevitável, pois prima pelo desenvolvimento ordenado da atividade turística. É um meio, pelo qual, através de suas fases pode-se entender as peculiaridades das localidades/espaços e quais são as potencialidades que podem ser trabalhadas, aquelas que devem ser priorizadas, e as que dependerão de uma

gama diferenciada de trabalhos para se efetivarem enquanto atrações para o turismo. Esta parte do planejamento é tratada na próxima seção, a qual é uma das fases mais complexas do mesmo, e a que normalmente não é realizada, mesmo sendo necessária ao processo, que versa sobre a avaliação de potencialidades da oferta turística.

AVALIAÇÃO DAS POTENCIALIDADES DA OFERTA TURÍSTICA

A problemática da avaliação de potencial de espaços para o turismo vem sendo abordada normalmente, mesmo que de forma tímida por pesquisadores da área de turismo, no entanto são poucos os estudiosos que dispõe de pesquisas aprofundadas sobre o tema, problema que se deve a sua complexidade, a carência de material referente a temática. Outro problema é o referente à aplicação dos métodos e efetivação de pesquisas, poucas vezes concretizadas mesmo sabendo da sua necessidade, enquanto ferramenta de ordenamento da atividade turística por meio do planejamento.

Em pesquisa bibliográfica pode-se apontar uma única obra que trata somente sobre técnicas de avaliação de potencial de áreas para o turismo, escrita por Leno Cerro (1993) onde são apresentas algumas metodologias já existentes, além de modificações feitas, por meio de aplicações e outros trabalhos quanto à temática feitos pelo próprio autor.

No entanto, além da falta de bibliografia, Smith (1992, p. 34) aponta mais alguns problemas que cercam a investigação descritiva de lugares:

> [...] o problema de nomear, descrever e classificar os recursos recreativos e sua exploração é um problema complexo e de múltiplas facetas e que, embora todos os pesquisadores concordem com tal afirmação, todos eles estão de acordo também com tal necessidade, porém não coincidem quanto à utilização de um sistema único de classificação.

Pode-se salientar que pesa sobre a avaliação e análise de potencial a diversidade de recursos que podem e devem ser avaliados, uma vez que cada um apresenta aspectos diferenciados e intrínsecos de acordo com suas tipologias. Outro ponto é o que diz respeito a subjetividade da análise de recursos, onde como

exemplo pode-se tomar as paisagens enquanto atrativo turístico, ou ainda o valor de um atrativo perante outro de características similares, onde o olhar do planejador é fator determinante no resultado final da avaliação.

Pires (2001) afirma que mesmo sendo um mecanismo de intensa discussão entre os diversos ramos do turismo, geralmente, sem a clareza necessária nas suas propostas ou definições de métodos, a avaliação do potencial turístico de um dado lugar pode ser realizada a partir de inúmeras variáveis, sejam elas concretas ou abstratas que, geralmente, estão associadas aos aspectos naturais e sócio-culturais de relevância estética nos recursos e também na paisagem.

Potencial turístico segundo Almeida (2006, p. 216) pode ser entendido como

> [...] a existência de condições objetivas favoráveis da oferta turística, dos aspectos normativo-institucionais e de outros fatores complementares capazes de viabilizar, por meio do adequado planejamento, uma exploração turística sustentável destinada a satisfazer uma demanda atual ou latente.

Ignarra (2003, p. 85), discorre que a avaliação do potencial das atrações se dá juntamente com o planejamento, na etapa do estudo diagnóstico da localidade e dos recursos, que é o exame de todos os componentes do turismo tanto do ponto de vista efetivo, quanto do ponto de vista potencial.

Desta feita Veloso (2003, p. 76) aponta sobre a necessidade da pesquisa de potencialidade turística ser baseada em critérios técnicos e profissionais, para evitar distorções nos resultados. Ainda afirma (2003, p. 76) que esta fase é importante para que todos os envolvidos passem a ter uma visão apurada e não empírica, do que o município dispõe, e assim a partir dos dados coletados passem a pensar e analisar sua oferta turística, e as possíveis formas de incrementá-la no que for necessário, e por que não, nas oportunidades de investimentos.

Leno Cerro (1993) faz alusão à análise de potencial enquanto um ponto chave no estudo de qualquer localidade quer seja turística, ou que tenha o desejo de desenvolver a atividade. Quanto ao estudo (LENO CERRO, 1993, p.51) aponta que

> Os métodos de classificação e inventário dos recursos constituem os primeiros passos na análise do potencial turístico de uma zona, facilitando a identificação daqueles elementos ou atividades que tem um certo poder atual ou potencial para atrair a demanda turística. Certamente, o valor real

do potencial turístico de uma área não se mede unicamente pelo número de atrativos que reúne, mas sim pela qualidade destes.

Sendo assim para medir qual é o potencial turístico de determinado local, faz-se necessário avaliar os atrativos e recursos que o compõe, a começar pelos primeiros, que depois de identificados e classificados, devem ser avaliados para estabelecer os seus valores e hierarquizá-los, para determinar a sua importância turística destes no contexto no qual se inserem, quer seja o mesmo municipal, regional ou nacional (PARANÁ, 2005).

Torna-se necessário também avaliar os equipamentos que estão instalados, assim como as vias acesso, transporte, de forma geral, todas as facilidades que agregam valor ao atrativo e permitem a fruição do turista em tal espaço.

Assim sendo, a avaliação e análise da oferta turística e do potencial turístico, sinalizam para o planejamento da atividade como critérios balizadorores, tendo em vista a prática de ações futuras nos locais que almejam desenvolver o turismo, a também naqueles em que o turismo já está sendo trabalhado, sabendo da realidade local e dos desafios a enfrentar, porém utilizando o processo e trabalhando de acordo com as especificidades dos espaços, sem cometer erros que possam afetar a atratividade das atrações.

Trata-se da busca, através de argumentos metodológicos, de dados e fatos conferidos de fundamento científico que comprovem as particularidades da localidade/espaço, estas que darão formas ao planejamento, e nortearão as ações suscetíveis a seu implemento.

Cabe ressaltar que apesar de serem poucos os métodos que permitem a mensuração de potencial turístico, cada um apresenta formas diferenciadas de avaliação, e fatores em sua maioria distintos, que exigem atenção dos que efetuam determinado estudo. Porém estes dispõe de aspectos e apreços importantes em suas abordagens referentes a temática, que devem ser relevados quando da sua aplicação e posterior aferição de resultados.

Para este estudo, a metodologia tomada como base para avaliação da oferta e possibilidades turísticas nos Parques objeto de estudo, é a formulada por Almeida (2006), a qual é apresentada na seção que segue.

METODOLOGIA DE AVALIAÇÃO DAS POTENCIALIDADES TURÍSTICAS DE ALMEIDA (2006)[1]

A metodologia foi desenvolvida por Almeida (2006), com base em alguns estudos passados como, a Metodologia de inventário da oferta turística da então Empresa Brasileira de Turismo (1984 *apud* ALMEIDA, 2006, p. 189), uma proposta de Leno Cerro (1993, p. 42 - 50), que acrescenta um nível à hierarquização estabelecida pelo CICATUR/OEA (Centro Interamericano de Capacitação Turística – Organização dos Estados Americanos).

Mesmo tendo por base os estudos já citados, grande parte da matriz foi idealizada pelo próprio autor. A proposta inclui-se, segundo a classificação de Smith (1992), entre os métodos e técnicas de investigação descritiva de lugares, mais especificamente, na categoria dos métodos separativos de inventário de recursos e, segundo Leno Cerro (1993, p. 53), consiste em uma avaliação analítica do potencial turístico. A matriz é aplicável para a avaliação do potencial de espaços receptores de turistas.

A metodologia apresenta os seguintes parâmetros e elementos quanto a avaliação:

- **Atrativos Turísticos:** para a análise dividem-se os atrativos em: naturais, histórico-culturais, manifestações de usos tradicionais e populares, realizações técnicas e científicas contemporâneas e acontecimentos programados. São atribuídos pontos de acordo com a atração que os mesmos possuem, no caso em nível internacional, nacional, regional, se atraem por si só ou em conjunto com outros atrativos, ou se complementa um de maior hierarquia. A pontuação é de 1 a 5.

- **Equipamentos e Serviços Turísticos:** efetua-se a avaliação de acordo com a capacidade, estrutura e qualidade dos mesmos. São divididos em: meios de hospedagem, alimentação, equipamentos de entretenimento e outros serviços

[1] A metodologia é aqui apresentada de forma resumida, pela impossibilidade de apresentá-la integralmente em um artigo. Para mais detalhes consultar Almeida (2006).

de uso turístico. A pontuação é atribuída para cada tipo de equipamento, esta é de 1 a 5.

- **Infraestrutura de Apoio Turístico:** a mensuração se dá com base na estrutura e qualidade dos serviços, e a pontuação atribuída a cada um especificamente é de 1 a 5. São os seguintes: Serviços de abastecimento de água, rede de esgotos, limpeza, e energia elétrica; Sistema de Transportes; Sistema de Comunicações; Sistema de Segurança entre outros relevantes a atividade turística.

- **Infraestrutura de Acesso*:*** analisa-se a estrutura existente e as condições de atendimento que está oferece à população, com pontuação de 1 a 5, dividido da seguinte forma: Acesso rodoviário à localidade/espaço; Vias de circulação Interna; e Condições das vias de acesso aos recursos, serviços e instalações de apoio a veículos (sinalização rodoviária e turística, postos de abastecimento e serviços etc.).

- **Órgãos de Cunho Normativo-Institucional:** são divididos para a ponderação de acordo com sua tipologia e abrangência, da seguinte forma: Existência e atuação do órgão oficial de turismo; Existência e atuação de conselho de turismo; Existência e gestão de fundo de turismo; e Existência e atuação de outras organizações não governamentais de fomento e promoção do turismo. A pontuação é atribuída de acordo a atuação de determinado órgão dentro do turismo na localidade. A pontuação e de 0 (caso inexista ou não atue) se não for dessa forma será atribuído 2, 3, 4 ou 5 pontos, de acordo com os itens exigidos citados anteriormente.

- **Instrumentos de Planejamento e Gestão Pública e Compartilhada do Turismo:** pontos a serem considerados: Existência de plano de desenvolvimento turístico/plano diretor de turismo em vigor; Existência de legislação turística, ambiental e/ou de proteção ao patrimônio e de mecanismos de fiscalização do cumprimento da legislação; Existência de créditos e/ou de

incentivos fiscais ao desenvolvimento turístico; e Inserção da localidade/espaço em planos, programas e/ou projetos de desenvolvimento turístico de âmbito municipal, estadual, regional e/ou nacional. A avaliação se desenvolve da seguinte forma: se determinado item citado está em vigor recebe 5 pontos, se existe mas não está em vigor ainda 3 pontos, se inexistente nenhum ponto. Quanto a sua comunicação e distribuição são divididos da seguinte forma para a avaliação: Possibilidade de integração em roteiros e/ou circuitos; e Ações de divulgação. A avaliação destes pontos se dá da seguinte forma: se determinado item citado está em vigor recebe 5 pontos, se existe mas não está em vigor ainda 3 pontos, se inexistente nenhum ponto.

- **Outros Fatores:** se avaliam os que são pertinentes ao processo de planejamento e/ou desenvolvimento turístico da localidade/espaço, tais como: Proximidade da demanda, onde se pondera a distância dos principais centros emissores regionais; Disponibilidade de áreas para expansão, onde se avalia existência de áreas para expansão dos atrativos e/ou dos equipamentos turísticos; Disponibilidade de mão-de-obra, onde avalia-se de acordo com a existência em quantidade e qualidade para atendimento ao turista; Pontuação de 1 a 5 de acordo com os parâmetros citados.

Com base na análise dos fatores descritos anteriormente, é feita a somatória de todos os pontos atribuídos as dimensões de avaliação, e em seguida faz-se a média de cada um destes. Tendo em mãos a média de cada dimensão, efetua-se a soma das médias de todas as dimensões, para a partir da divisão chegar à média final, que aponta para um índice de potencialidade.

Na seção a seguir são apresentados os resultados da pesquisa, por meio dos dados levantados através da aplicação desta metodologia.

ANÁLISE COMPARATIVA DA AVALIAÇÃO DA OFERTA TURÍSTICA E DAS POSSIBILIDADES TURÍSTICAS DOS PARQUES ESTADUAIS DE VILA VELHA E GUARTELÁ-PR

Os resultados obtidos pela aplicação da matriz de avaliação da oferta turística e do potencial turístico de Almeida (2006), possibilitaram a verificação da situação atual e potencialidades dos Parques Estaduais de Vila Velha e do Guartelá, e também análise comparativa entre estes. A partir de agora segue-se com a apresentação dos resultados de cada parque e análise comparativa de cada item avaliado.

- **Atrativos Turísticos**

No Parque Estadual de Vila Velha os atrativos avaliados foram: Arenitos (3 pontos), Furnas (2 pontos), Lagoa Dourada (2 pontos), Fauna (1 ponto) e Vegetação (1 ponto). Já no Parque Estadual do Guartelá foram avaliados os seguintes atrativos: Canyon Guartelá (3 pontos), Cachoeira da Ponte de Pedra (2 pontos), Panelões (2 pontos), Fauna e Vegetação (1 ponto) e Pinturas Rupestres (2 pontos).

A partir da avaliação efetuada, os dois parques obtiveram médias finais iguais, sendo 2 pontos. Se aplicados os parâmetros utilizados na matriz de Almeida (2006), constata-se que os parques possuem atrativos interessantes, capazes de atrair correntes turísticas locais e regionais.

Quanto aos atrativos de maior hierarquia presentes em cada parque, mesmo que tenham recebido a mesma pontuação, sendo estes, os Arenitos em Vila Velha e o Canyon no Guartelá, há certa desvantagem entre a situação atual dos mesmos.

O motivo disso é que o principal atrativo do Parque Estadual de Vila Velha causa maior impacto visual nos visitantes, capaz de entretê-los por mais tempo, pois são inúmeros, e suas formas não são comuns. Embora seja necessário lembrar que isto é uma questão de opinião própria que envolve o subjetivo, apresentando variação de pessoa pra pessoa, este ainda parece ser um dos fatores determinantes para justificar a evidente diferença do número de visitantes recebidos em cada um dos Parques.

Outro fator a ser salientado, é que o Parque Estadual de Vila Velha, está presente de forma muito mais frequente nas ações de divulgação que envolvem o turismo no estado do Paraná, sendo que a Taça, um dos principais arenitos do Parque é um dos símbolos do Estado do Paraná, algo que não ocorre na mesma proporção com atrativos do Guartelá. Isso faz como que tal espaço seja mais buscado pela população já que o mesmo é mais vinculado na mídia, o que também interfere no olhar dos governos, que implementam mais ações em tal local para melhorar suas estruturas.

- **Equipamentos e Serviços Turísticos**

No Parque Estadual de Vila Velha os equipamentos e serviços avaliados foram: Centro de visitantes (4 pontos), Estacionamento (4 pontos), Trilhas Arenitos, Bosque, Furnas e Lagoa Dourada (4 pontos), Mirante Furnas e Lagoa Dourada (4 pontos), Guarita Portal (4 pontos), alcançando assim média final 4. Considerando-se os parâmetros da matriz aplicada, e a média final atingida nesta dimensão, constata-se que o Parque possui equipamentos e serviços com capacidade favorável para atendimento de turistas, de modo individual ou em grupos.

No Parque Estadual do Guartelá foram avaliados os seguintes equipamentos: Centro de Visitantes (3 pontos), Estacionamento (3 pontos), Trilha Básica (4 pontos), Trilha das Pinturas Rupestres (3 pontos), Mirante Canyon (4 pontos), Pontes de Madeira (4 pontos), Quiosques (3 pontos), Portal de Entrada do Parque (2 pontos). A média final alcançada pelo parque foi de 3 pontos. Considerando-se os parâmetros da matriz aplicada, e a média final atingida nesta dimensão, constata-se que o Parque possui equipamentos e serviços com capacidade restrita para atendimento de turistas, de modo individual ou em grupos.

Nesta dimensão o Parque Estadual de Vila Velha alcançou média final superior, o que evidencia a oferta de melhores estruturas e serviços de atendimento, e também maiores cuidados e investimentos do setor público. Segundo IAP (2013) as despesas do parque são em média R$ 803.750,00 ao ano, enquanto na arrecadação de fundos através de taxas de visitação a média anual é de R$437.912,37 e, portanto, a arrecadação cobre apenas 45,4% das despesas, sendo

os outros 54,6% provenientes do Tesouro do Estado do Paraná. Neste fator, Vila Velha se sobressai tendo em vista que o número de visitantes que busca o parque é maior se comparado ao de Guartelá, e sendo assim, a melhora e organização dos equipamentos e serviços vem sendo implementada, com vistas a atender esta demanda, que como já apontado, paga para usufruir de tal espaço, o que não ocorre no Guartelá, onde não é cobrada taxa de entrada. Neste sentido, este é um ponto que deveria ser avaliado, já que a cobrança de taxa no Guartelá poderia permitir um maior valor a ser investido em tal espaço, melhorando seus equipamentos e atendendo melhor aos visitantes.

- **Infraestrutura de Apoio Turístico**

No que se refere a infraestrutura de apoio, no Parque Estadual de Vila Velha foram avaliados os seguintes elementos: Rede de esgotos: canalizado; Abastecimento de água: oriundo de poços artesianos; Limpeza: coleta de lixo realizada semanalmente; Energia elétrica: atendem a demandas específicas (internamente e nas proximidades do parque), desenvolvendo-se através de estruturas aéreas (3 pontos), Acesso Rodoviário via BR 376 (4 pontos), Vias de Acesso aos Atrativos (4 pontos), Transporte para os Atrativos (4 pontos), Telefonia Fixa ou Móvel (4 pontos). A média alcançada nesta dimensão pelo parque foi 4 pontos. Aplicando-se os parâmetros da matriz aplicada, a média final atingida pelo Parque nesta dimensão, é possível concluir que este dispõe de uma estrutura em condições favoráveis para atender tanto a população local que reside nas áreas de entorno do parque como a demanda turística.

Já no Parque Estadual do Guartelá foram avaliados os seguintes itens: Rede de esgotos: fossa séptica; Abastecimento de água: através de poços artesianos; Limpeza: funcionários do parque; Energia elétrica: Rede de alta tensão que transpassa o parque (3 pontos), Acesso rodoviário ao parque via PR 340 (3 pontos), Vias de Acesso aos Atrativos (3 pontos), Transporte Interno no Parque (2 pontos), Telefonia Fixa ou Móvel (2 pontos). A média alcançada nesta dimensão pelo parque foi 3 pontos. Aplicando-se os parâmetros da matriz aplicada, à média final atingida pelo Parque nesta dimensão, é possível concluir que este dispõe de uma estrutura

em condições restritas para atender tanto a população local que reside no entorno do parque, como a demanda turística.

Verifica-se que a média final obtida por Vila Velha é superior a de Guartelá. Um dos motivos é que a BR 376, acesso ao Parque Estadual de Vila Velha, encontra-se melhor situação que a PR 340, acesso ao Parque Estadual do Guartelá, o que se justifica pelo fato de que na rodovia federal ocorre cobrança de pedágio, e isto garante investimentos para manutenção e melhorias da mesma.

Outra questão se refere a vias de acesso e transporte interno, onde o Parque Estadual de Vila Velha também está mais bem equipado, garantindo a possibilidade de percorrer todos os principais atrativos em um menor período de tempo, e sem muito desgaste de energia para o visitante, pela existência de ônibus que transporta os mesmos até os principais pontos de visitação (trilhas de acesso aos atrativos, no caso dos arenitos, e aos próprios atrativos Lagoa Dourada e Furnas). No Parque Estadual do Guartelá, o acesso a todos os atrativos, inclusive os mais distantes, é todo ele realizado através de caminhadas por trilhas. No entanto, envolvendo a questão das trilhas e do transporte até os atrativos, o que se pode comparar de forma coerente é a qualidade estrutural das trilhas, o que nos dois parques se tem uma estrutura em boas condições de recepção. Um fator subjetivo é que as trilhas em Vila Velha são mais leves, levam a um desgaste menor dos visitantes, pois o relevo é plano, o que não ocorre no Guartelá, onde o relevo é ondulado, e o percurso é mais desgastante.

- **Normativo-Institucional**

No Parque Estadual de Vila Velha os elementos avaliados envolvendo esta dimensão foram os seguintes: Órgãos e sua atuação no Parque como a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Ponta Grossa, o Sistema SETU - integrado pela Secretaria de Estado do Turismo e por suas vinculadas Paraná Turismo, Ecoparaná e Centro de Convenções de Curitiba (5 pontos), Existência e aplicação Plano de Manejo do Parque (5 pontos), Conjunto de leis, decretos e portarias, a nível Federal e específicas do Estado do Paraná, considerados para elaboração do Plano de Manejo do Parque Estadual de Vila Velha (IAP, 2004) (5 pontos), Inclusão do

Parque no Plano de Ações Sistema SETU para a gestão pública do turismo paranaense no período 2011-2014 (PARANÁ, 2011), no Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável PDITS Pólo Turístico de Curitiba, Região Metropolitana e Campos Gerais (PARANÁ, 2011) (4 pontos), Participação do Parque em roteiros: Rota dos Tropeiros (5 pontos), Divulgação em sites, guias turísticos e eventos turísticos (5 pontos). Nestes quesitos o parque atingiu média 5, o que segundo os parâmetros da matriz aplicada, reflete que há atuação dos órgãos de turismo tanto estaduais como municipais no parque, com ações de planejamento e gestão de tal espaço, além da integração do parque em roteiros regionais.

No Parque Estadual do Guartelá teve-se como elementos avaliados os seguintes: Órgãos e sua atuação no Parque como a Secretaria do Meio ambiente e Turismo de Tibagi, o Sistema SETU - integrado pela Secretaria de Estado de Turismo e por suas vinculadas Paraná Turismo, Ecoparaná e Centro de Convenções de Curitiba (3 pontos), Existência e aplicação do Plano de Manejo do Parque (5 pontos), O conjunto de leis, decretos e portarias, a nível Federal e específicas do Estado do Paraná, considerados para elaboração do zoneamento do parque Estadual do Guartelá (IAP, 2002) (5 pontos), Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável PDITS Pólo Turístico de Curitiba, Região Metropolitana e Campos Gerais (PARANÁ, 2011) (3 pontos), Participação em roteiros: Rota dos Tropeiros (5 pontos), Divulgação em sites, guias turísticos e eventos turísticos (3 pontos). Nesta dimensão o parque alcançou média final 4. Nota-se que a atuação de órgãos oficiais de turismo, tanto do município como do estado é observada apenas no que diz respeito a divulgação, e mesmo assim de forma limitada, como ponto positivo nota-se o que se refere aos documentos de planejamento, sobre sua existência e implementação.

Também nesta dimensão Vila velha (média 5) está em vantagem com relação a Guartelá (média 4). Nota-se que Vila Velha é mais divulgado, e consequentemente, mais conhecido. A Taça é o cartão postal do município de Ponta Grossa, e um dos principais símbolos do Paraná. A imagem deste arenito pode ser visualizada na capa do Plano de Ações 2011-2014 da SETU – Secretaria Estadual do Turismo do Paraná. O Parque Estadual do Guartelá não está inserido neste documento, e nem nas ações de divulgação mais fortes do turismo no estado, e isto

se apresenta como o principal fator que o coloca em desvantagem perante Vila Velha. Quanto a atuação de órgãos e entidades voltadas a ao desenvolvimento turístico, Vila Velha também se sobressai, tendo maior atenção destas, devido também a imagem que é vinculada do parque e a demanda que atrai, que é superior a do Guartelá.

- **Outros Fatores**

Os itens avaliados no Parque Estadual de Vila Velha se referiram a: Distâncias dos principais pólos emissores regionais (5 pontos), Disponibilidade de áreas para expansão (5 pontos), Disponibilidade de mão-de-obra para trabalhar no parque (5 pontos). A média final de Vila Velha nesta dimensão foi 5 pontos.

No Parque Estadual do Guartela a avaliação se deu sobre os seguintes itens: Distância dos principais pólos emissores regionais (4 pontos), Disponibilidade de áreas para expansão (5 pontos), Disponibilidade de mão-de-obra especializada (3 pontos), tendo assim como média final nesta dimensão 4 pontos.

Novamente Vila Velha apresentou média superior a Guartelá. Um dos pontos é sobre os pólos emissores, já que o maior emissor de demanda para ambos os parques, a capital Curitiba, encontra-se próxima do Parque Estadual de Vila Velha, 80 km, contra 214 km com relação a Guartelá, ou seja, Vila Velha está mais próximo de um número maior de possíveis visitantes. Neste sentido, este parque se sobressai em se tratando já da visitação atual, que é maior que em Guartelá, e das possibilidades de aumento da demanda, uma vez que há uma grande demanda potencial a ser explorada.

Outro fator que influi na diferença das médias nesta dimensão, é que em Vila Velha está em vigor um projeto de qualificação no atendimento de visitantes, o que vem garantindo para o trabalho de recepção, guia e monitoramento do uso público, mão-de-obra em quantidade e qualidade adequadas, o que não ocorre em Guartelá, o qual dispõe de poucos funcionários, em sua maioria estagiários, não tendo nenhum projeto como este implementado em Vila Velha.

Quanto a disponibilidade de áreas de expansão, é previsto nos dois planos de manejo tal ação, estando assim os dois parques na mesma situação.

Observando os resultados alcançados por Vila Velha, nota-se que somente na dimensão atrativos este está como a mesma avaliação que o Guartelá. No que concerne a questões estruturais de atendimento aos visitantes Vila Velha se sobressai em todas as dimensões, assim como na referente as questões normativas institucionais em que o Vila Velha também possui mais apoio e atuação destes que o Guartelá.

Pode-se afirmar que em algumas situações, Vila Velha poderia servir de modelo para implementação de melhorias em Guartelá, dentre as quais podemos enfatizar sobre o atendimento de qualidade observado em Vila Velha, no que se refere à recepção, guia e monitoramento do uso público. Outra situação importante que deveria ser revista, e sobre a cobrança de taxa de entrada no Guartelá, com destinação de tais recursos para melhorias internas, fomento a partir da divulgação do parque, além da melhora no atendimento e acompanhamento dos visitantes no local, proporcionando a estes mais segurança e conforto na visita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de aplicar a matriz de avaliação da oferta turística e de potencialidades turísticas de Almeida (2006) nos Parques Estaduais de Vila Velha e do Guartelá, possibilitou apresentar a situação atual da oferta turística dos dois parques assim como também atentar para possibilidades que estes possuem. Neste sentido, nota-se que o objetivo deste estudo que dizia respeito a efetuar análise comparativa entre a situação atual da oferta turística e potencialidades turísticas apresentadas pelos Parques Estaduais de Vila Velha e do Guartelá, foi alcançado, cabendo ainda tecer algumas considerações.

As possibilidades/potencialidades turísticas dos parques estaduais aqui avaliados são díspares.

O Parque Estadual de Vila Velha apresenta vantagens por sua localização, estrutura atual e pelas ações desenvolvidas pelo Estado do Paraná, principalmente no que concerne a sua divulgação, possibilidades de aumento da demanda. Quanto a estrutura atual, nota-se que, se manter o padrão existente pode continuar atendendo bem à demanda que chegar até ele.

O Parque Estadual do Guartelá, tem alguns pontos negativos que fazem com que ele tenha menos possibilidades turísticas que Vila Velha. O principal ponto é sua localização, distante de pólos emissores fortes, como Curitiba e sua região metropolitana. Um segundo ponto se refere às ações do Estado do Paraná sobre tal espaço, que são mais incipientes se comparadas as efetuadas sobre o Vila Velha e seus atrativos, principalmente quanto a divulgação.

De toda forma, caberiam em Guartelá ações no sentido de atrair uma demanda regional, proveniente de pequenos municípios próximos deste, uma ação do órgão municipal de turismo de Tibagi, por exemplo. O espaço possui uma estrutura pertinente para atendimento aos visitantes, com possibilidade de receber uma demanda maior do que vem recebendo, mesmo necessitando de melhoras como já salientado.

Contudo, no caso dos dois parques, há que se ter em vista que sendo unidades de conservação, há uma limitação no número de turistas/dia (capacidade de carga) que deve ser seguida. Sendo assim, em toda ação versando sobre possibilidades existentes e seu desenvolvimento, o primeiro ponto a ser pensado é: de que forma organizar tais ações, e atrair novos visitantes, porem poder recebê-los quando da sua vinda respeitando os índices de capacidade de carga? Uma ação de divulgação muito forte pode causar um deslocamento de pessoas naquele momento, por exemplo, em finais de semana, maior do que o que se pode receber, e isso poderia causar um descontentamento e uma imagem negativa para o parque a partir da visão daqueles que por este motivo se deslocassem até o local e não conseguissem visitá-lo. São questões que ficam para reflexão.

De toda forma, novos estudos agregados a este, tomando vieses diferenciados, são de extrema importância para refletir e apontar para novos caminhos a serem seguidos pelos parques aqui estudados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. **Matriz de Avaliação do Potencial Turístico de Localidades Receptoras.** Tese de Doutorado Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

BARRETTO, M. **Planejamento Responsável do Turismo**. Campinas: Papirus, 2005.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em: ago. de 2013a.

BRASIL. **Lei 9985 de 18 de julho de 2000.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9985.htm>. Acesso em: ago. de 2013b.

CARDOZO, P. F. **Metodologia de Estudo da Oferta Turística.** Revista Virtual Partes (*on-line*): São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.partes.com.br>. Acesso em: mar. de 2014.

COSTA, P. C. **Unidades de Conservação.** São Paulo: Aleph, 2002.

IAP - INSTITUTO AMBIENTAL DO PARANÁ. **Unidades de Conservação**. 2013. Disponível em: <http://www.iap.pr.gov.br/modules/ucps/index.php?opcao=categoria>. Acesso em: fev. de 2014.

IAP - INSTITUTO AMBIENTAL DO PARANÁ. **Plano de Manejo Parque Estadual do Guartelá.** Curitiba, 2002.

IAP - INSTITUTO AMBIENTAL DO PARANÁ. **Plano de Manejo Parque Estadual de Vila Velha.** Curitiba, 2004.

IGNARRA, L. R. **Fundamentos do Turismo.** 2.ed. Rev. e Ampl. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

LENO CERRO, F. **Técnicas de Evaluación del Potencial Turistico**. Madrid: Ministerio de Industria, Comercio y Turismo, 1993.

MOLINA, S. **Planejamento Integral do Turismo**. Bauru: Edusc, 2005.

PARANÁ. Secretaria de Estado do Turismo. **Orientações para Gestão do Turismo Municipal**. 2005.

PARANÁ. **Plano de Ações do Sistema SETU**: Para a Gestão Pública do Turismo Paranaense no Período 2011-2014. Curitiba, 2011. Disponível em: <http://www.setu.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/institucional/planoDeAcoesLivretoSITEOK.pdf>. Acesso em: jan. de 2014.

PETROCHI, M. **Turismo:** Planejamento e Gestão. 2.d. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

PIRES, P. S. Interfaces Ambientais do Turismo. In: Trigo, L. G. G. T. (Org.). **Turismo:** Como Aprender, como Ensinar. Volume 1. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

RUSCHMANN, D. **Turismo e Planejamento Sustentável:** A Proteção do Meio Ambiente. 11.ed. Campinas: Papirus, 2004.

SMITH, S. L. J. **Geografía Recreativa**: Investigación de Potenciales Turísticos. México: Trillas, 1992.

SOARES, J. G., CARDOZO, P. F. **A Avaliação e Hierarquização de Atrativos Turísticos como Ferramenta para o Planejamento Turístico.** Revista Virtual Partes (*on-line*): São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.partes.com.br>. Acesso em: mar. de 2014.

VELOSO, M. P. **Turismo Simples e Eficiente:** Um Guia de Orientações Básicas para Municípios. São Paulo: Roca, 2003.